



Das mãos “MOLENGAS” aos mamulengos: As narrativas orais em bocas miúdas

“Era uma vez uma estória... que nasceu não se sabe onde, nem quando; só se sabe que foi há muito tempo. Foi feita para o ser humano aventurar-se no que pode ser pela lembrança do que sempre foi. No maravilhoso, que alguns chamam de "mundo ilusório da fantasia", uma árvore pode ser azul. Mas TOLKIEN(2) disse muito bem que não basta que uma árvore seja azul. É necessário que ela faça parte de uma estória na qual uma árvore azul seja acreditável” (MACHADO, Regina.)

A história que vou contar agora está feita de muitas árvores azuis, verdes, de risos, de choros, conflitos e abraços. Nós, crianças e professoras, acreditamos nela e foram tantas cores que usamos, que até hoje estou pintada com fragmentos de tintas que insistem em permanecer vivos dentro mim.

1 – A Escola do Sítio

A Escola do Sítio apresenta à sua comunidade escolar, uma proposta de trabalho que valoriza e favorece a relação dos alunos, familiares e professores através do Objeto Disparador. Este é o elo entre as crianças e a professora na construção coletiva do projeto. Estamos instalados em Barão Geraldo e o subdistrito recebe, através da Universidade de Campinas, uma diversidade de pessoas anualmente. Nesse local, grupos de cultura popular, teatro e música são bastantes presentes, trazendo para a região pontos de cultura que são:

“ Entidades certificadas pelo ministério da Cultura, de natureza ou finalidade cultural ou educativas que desenvolva, acompanhe e articule atividade culturais em parceria com as redes regionais identitárias e outras que se destinam à mobilização e a troca de experiências, ao desenvolvimento de ações conjuntas com governos locais”. (Portal ministério da Cultura). Muitas famílias que escolhem a escola fazem parte desses movimentos culturais e valorizam a cultura nacional.

Em 2018, fiz uma viagem para Olinda e visitei o museu do mamulengo. Encantei-me por um dos bonecos e resolvi levá-lo para escola como objeto da turma. Nesse processo de construção coletiva a professora tece, com as crianças, os caminhos que poderão ser construídos nessa relação com o objeto.

2- A relação da professora com o objeto:

Eu criei meu mundo de imaginação pensando em tudo o que as crianças poderiam falar, suas hipóteses sobre o objeto, alguns caminhos que poderiam ser percorridos, ideias para a construção do projeto, etc, porém o que sempre acontece na escola se repetiu: as crianças falaram coisas totalmente diferentes daquelas que eu havia imaginado. “A imaginação é a verdade da criança. Para alcançarmos a criança, devemos compreender que a imaginação é o mundo” (Piorski, p.12)

Diante das hipóteses que foram levantadas pelas crianças, eu precisei me (re) inventar e me (re) descobrir dentro desse mundo da imaginação infantil, para poder tecer as narrativas que eram estabelecidas dentro da escola.

Ao escolher o mamulengo, gostaria que a turma ampliasse o contato com a cultura popular através da diversidade de histórias orais, personagens folclóricos, sons e ritmos. Tudo isso aconteceu atrelado a uma infinidade de questões trazidas por eles, como o diálogo sobre gênero, a valorização dos saberes ancestrais, o feminismo e as mulheres que marcaram a história.

3- A chegada do objeto disparador: o mamulengo

A apresentação do objeto disparador é sempre um marco na história das turmas da escola. No segundo ano de 2018, contamos às crianças que fomos a um passeio e ganhamos uma caixa de presente, mas que gostaríamos de abrir com elas. Essa era uma caixa de madeira, escolhida cuidadosamente por nós, para colocar o mamulengo. Antes de abrir a caixa, todos decidiram brincar de adivinhar o que havia dentro dela e, para isso, fizeram diferentes experimentações corporais: cheiraram, balançaram, jogaram para o alto. Abaixo está o relato dos diálogos estabelecidos no momento:

- Acho que é alguma coisa de madeira (P. C - balançando a caixa)
- Pode ser um brinquedo (P. G – balança para baixo e para cima com cuidado, testando o peso)
- Tem um cheiro doce (D. cheira a caixa)
- É alguma coisa dura (C. bate na caixa)
- Pode ser dinheiro ué (F. se recusa a pegar)
- Eu acho que é chocolate (G. joga para o alto, feliz)
- São duas coisas que batem uma na outra (M. A passa por baixo das pernas)

Depois de esgotadas todas as possibilidades imaginativas e com a curiosidade aguçada, as crianças abriram a caixa:

- Ai, que sem graça (G. P.)
- É engraçado (B)
- Molenga né (A)
- Será que é uma menina? (G. P.)
- Claro que é tem saia e cabelo para o alto (M)
- Pode ser um menino cabeludo igual ao Pedro Colla (C. S)
- Ou um menino disfarçado de menina (P. G.)

4- Os processos criativos a partir da relação das crianças com o objeto

Depois desse diálogo, a turma decidiu saber se o mamulengo era um menino ou uma menina, pois queriam dar um nome para o boneco e acharam que só seria possível nomeá-lo se tivessem essa informação. Fizemos algumas discussões sobre nomes e a turma chegou à conclusão de que muitos nomes servem para meninos e meninas como, por exemplo: Ariel, Rafa, Cacá, Vi, Lu, entre outros. Depois disso, as crianças dividiram-se em grupo e chegaram as seguintes possibilidades de nome para o mamulengo: João Ela, Joniscreison, Molengalenga e Rafa.



Imagem 1- Sugestão de nome para o mamulengo com representação plástica utilizando diferentes materiais

Fonte: Acervo pessoal da professora



Imagem 2- Sugestão de nome para o mamulengo com representação plástica utilizando diferentes materiais

Fonte: Acervo pessoal da professora

Como não havia nada definido sobre o nome do mamulengo, na roda de conversa, ficou estabelecido que não iríamos nos referir como ele ou ela, apenas como boneco. Isso foi bastante difícil para mim e, nesse momento, percebi como a questão do gênero está arraigada socialmente e nos faz refletir pouco sobre ela. Segundo as crianças, para falar do mamulengo não deveríamos usar as vogais, as frases deveriam ser assim:

- Eu vi boneco na casinha ao invés de Eu vi O boneco na casinha!

- ***Eu e mamulengo brincamos juntos ao invés de*** Eu e **O** mamulengo brincamos juntos.

Estava ficando muito difícil, para todos nós, falar assim e uma proposta surgiu:

- Acho que mamulengo deveria chamar ELX, porque o E e o L são as letras de ele ou ela e o X é porque não sabemos se é um menino ou uma menina. Minha mãe deu essa ideia ontem quando contei para ela da nossa pesquisa. (P.C)

A turma adorou a sugestão, porém decidiu manter o combinado de não usar as vogais para se referir ao ELX.

Neste momento a turma estava interessada em saber se existia diferença de fantoche e mamulengo. Decidimos, coletivamente, pesquisar sobre o assunto no site do museu do mamulengo, em livros, e fazer pesquisas com atores e atrizes que são pais de alunos da nossa escola. Nessa busca descobrimos que:

— Mamulengos são feitos por artesão, verdadeiros mestres (C. B)

— Eles geralmente têm a cabeça feita de madeira mulungu que é mais mole e fácil de moldar (L)

— Eles são engraçados e contam histórias da vida das pessoas (G. P.)

— Eles usam saia para que os artistas possam manipulá-los (B.)

— A saia é para menino e para menina (M.C)

— O mamulengo também é manipulado igual fantoche, mas a mão precisa ficar bem molenga para dar vida ao boneco. (M.G)

A roupa do mamulengo ficou muito forte nas discussões, pois para algumas crianças seria impossível um menino usar saia. Outras trouxeram a referência dos homens escoceses e as suas vestimentas. A saia se tornou um ponto de discussão cultural nesse momento, já que alguns pais da escola também se identificavam com essa vestimenta. Saímos da questão do gênero x saia, para refletir sobre os desejos e escolhas individuais das pessoas. Todos esses diálogos fomentaram novas possibilidades de investigações e criações dentro do projeto.

Pensando na roupa de Elx, decidimos criar um ateliê de costura na sala de aula, onde seriam produzidos diferentes bonecos manipulados que poderiam fazer parte de um

espetáculo de teatro dentro da escola. Inauguramos o ateliê produzindo fantoches de papel, depois passamos para dedoches de gesso, costuramos travesseiros de pano para experimentar diferentes pontos na costura manual, passamos pelos fantoches com cabeça de argila até chegarmos no mamulengo com cabeça de madeira, confeccionada pelo pai de uma aluna, com a madeira de uma árvore que a família tinha no quintal de casa.



Imagem 3- Construção de fantoche.
Técnica: dobradura de papel com materiais de costura (botão, linha, agulha e fitas)

Fonte: Acervo pessoal da professora.



Imagem 4- Construção de dedoches.
Técnica: Gesso e tinta guache

Fonte: Acervo pessoal da professora.



Imagem 5 - Construção de cabeça de mamulengo. Técnica: Argila

Fonte: Acervo pessoal da professora.



Imagem 6 - Primeiras experimentações no ateliê de costura. Técnica: ponto corrido

Fonte: Acervo pessoal da professora.



Imagem 7 - Finalizações dos primeiros trabalhos no ateliê de costura. Técnica: ponto corrido.

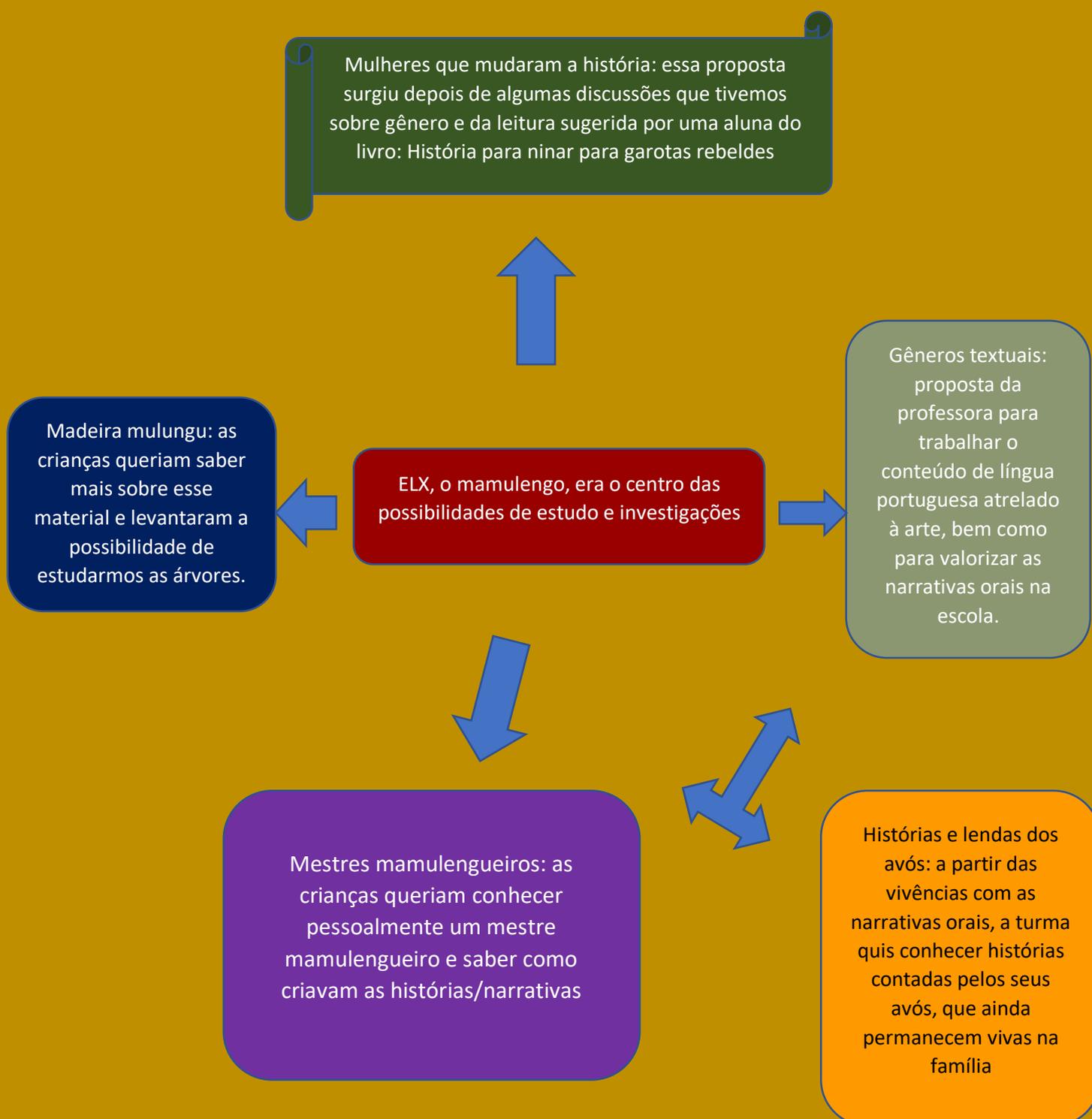
Fonte: Acervo pessoal da professora.



Imagem 8 - Mamulengos: Malala e Letícia Bufoni_ Técnicas: madeira talhada (construção de um pai de aluno) Costura e pintura das crianças.

Fonte: Acervo pessoal da professora.

As ideias surgiam dia após dia e, como de costume, na escola, fizemos um mapa do projeto para poder definir os caminhos que seriam percorridos a partir dos diálogos que eram estabelecidos. O mapa do projeto fica na sala de aula durante todo o ano letivo e vai sendo preenchido coletivamente, à medida que o trabalho acontece.



Com a construção coletiva do mapa, as crianças decidiram que ELX seria um contador de histórias e queriam montar um “ show de mamulengos”, uma apresentação com bonecos para as outras turmas. Um diálogo foi feito para decidir se contaríamos uma história inventada por nós ou uma história já existente (nomeada pela turma de “histórias de boca”), pois não precisavam de livros e eram aprendidas com outras pessoas. Segundo Cascudo, 2006: “A literatura oral que seria limitada aos provérbios, adivinhações, contos, frases-feitas, cantos, ampliou-se alcançando horizontes maiores. Sua característica é pela oralidade, a fé é pelo ouvir...” (p. 21)

Ao compreender os quereres da turma e perceber a importância das histórias ancestrais nas narrativas orais, propus às crianças que ouvíssemos os funcionários mais velhos da escola: o Seu Zé, que é o porteiro e a Shirlei, que trabalha na cantina. Os dois foram moradores da zona rural e contaram histórias engraçadíssimas. Shirlei relatou algumas de terror e o seu Zé contou várias histórias que aconteceram há muito tempo na nossa escola. Depois dessa escuta, histórias de muitos lugares começaram a chegar pela boca das crianças: saci pererê na casa da avó, lobisomem na fazenda do bisavô e até a Matinta Perera na casa do mato.

- Eu vi o Saci Pererê na casa da minha avó. (G.D)

- Sabia que o Lobisomem existe mesmo? Um dia eu fui para uma chácara e ouvi até o uivo dele. (J. M)

- Eu acho que a sereia existe mesmo, viu! Uma vez eu vi uma filmagem na internet e ninguém sabe direito, mas pareciam sereias! (M. C)

- A Matinta Perera apareceu na casa do mato do meu biso (J. P)

Segundo Cascudo, 2006:

“ A lenda é um elemento de fixação. Determina um valor local. Sem que o documento histórico, garanta a veracidade, o povo ressuscita o passado, indicando as passagens, mostrando, como referências indiscutíveis, os lugares onde o fato ocorreu. (p.53). As crianças estavam encantadas diante de tantas possibilidades e se lembraram que alguns desses

personagens estão registrados nos livros infantis, pois já haviam estudado o assunto na educação infantil, com as lendas brasileiras.

Fomos até a biblioteca da escola para pesquisar alguns livros de lendas e achamos outros títulos muito interessantes do autor Ricardo Azevedo, que traziam narrativas orais em suas histórias. Estávamos diante de tantas possibilidades que decidimos fazer uma roda para decidir, olhando no mapa do projeto, quais caminhos seguir. Sobre as rodas de conversa, Warschauer (2001, p.179), discorre que: “Conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc.

A decisão da turma foi escolher uma história que pudesse ser narrada por todos de boca, ou seja, sem apoio do livro e decidiram montar um espetáculo teatral que não envolvesse bonecos, mas o corpo, para contar a história dos Três porquinhos!



Imagem 9- Construção de cenário para apresentação da história dos três porquinhos- Casa de tijolos

Fonte: Acervo pessoal da professora.



Imagem 10 - Pintura de cenários

Fonte: Acervo pessoal da professora.



Imagem 11- Ensaio da música do espetáculo- Personagem _Tocador de rua dos tempos antigos.

Fonte: Acervo pessoal da professora.



Imagem 12 - Turma toda trabalhando na construção do cenário e ensaiando entradas de cena.

Fonte: Acervo pessoal da professora.



Imagem 13- Dia da apresentação para o público da escola com palco montado dentro da sala de aula.

Fonte: Acervo pessoal da professora.

Nesse momento do trabalho, as crianças estavam muito envolvidas umas com as outras, havia muita parceria e envolvimento entre todos. Percebi o quanto os processos criativos trazem à tona as habilidades individuais e valorizam as diversidades postas em cada um dos grupos.

As rodas de conversa, presentes diariamente na Escola do Sítio, passaram a ter outro tom: as narrativas feitas pelas crianças eram ouvidas com muita atenção, sem pressa pelo grupo, alguns questionamentos começaram a surgir: Deus existe? Por que o M só gosta de brincar de boneca? Existe brinquedo de menina e de menino?

Nesse momento estávamos próximos a data do nosso estudo do meio para o Ateliê da Natasha Faria, que é uma artista plástica da cidade de Campinas e trabalha com teatros de bonecos, utilizando a técnica do papel machê para construí-los. De lá, outras questões surgiriam e nos levariam para novos caminhos

A turma levou Elx para o estudo do meio e durante o diálogo com a Natasha, perguntou:

(Crianças) - Você quer ver nosso mamulengo?

(Natasha) - Nossa, que bonito, é de um mestre do Recife!

(Cr) - Você sabe se é um menino ou uma menina?

(N) – É uma menina pelas cores da roupa, pelo formato do cabelo e pela boca.

(Cr) - Mas não poderia ser um menino? É que o mamulengo sempre tem que ter essa roupa para as pessoas colocarem a mão e brincarem com ele, para fazer o espetáculo!

(N) - Na verdade, ele pode ser o que vocês quiserem! Quem dá vida ao mamulengo é o artista que manipula ele.

(Cr) - Mas esse é menina se a gente pensar em tudo o que você falou?

(N) - Sim, é uma menina!



Imagem 14 - Organização da mesa de trabalho no Atêlie da Natasha Faria

Fonte: Acervo pessoal da professora.



Imagem 15 - Início da construção dos mamulengos no Atêlie. Ao fundo a artista (lado direito) e sua filha, orientam uma criança nesse processo.

Fonte: Acervo pessoal da professora.



Imagem 16- Espera pela secagem da pintura da cabeça do mamulengo ao lado de fora do Ateliê.

Fonte: Acervo pessoal da professora.



Imagem 17 - Chegada no ateliê- caminhada pelas ruas e lanche na praça.

Fonte: Acervo pessoal da professora



Imagem 18 - Batizado dos mamulengos. Cada criança deu um nome para o seu boneco

Fonte: Acervo pessoal da professora



Imagem 19 - Na escola, os mamulengos construídos com a Natasha ganharam palco de papelão para a apresentação para as outras turmas.

Fonte: Acervo pessoal da professora.

Chegando na escola a turma decidiu que o nome do Elx poderia mudar, já que sabíamos agora que ela era uma menina. Mesmo assim, acharam mais interessante sugerir de nomes que poderiam ser neutros: Paçoca, Socorro, Pipoca, Zuleica.

O nome escolhido, por votação, foi Socorro, porém Elx estava tão forte para a turma que ora eles dizem a Elx, ora o Socorro. O interessante nessas falas é que o gênero não tinha mais importância já que a afetividade estava construída com o objeto. Alguns questionamentos começaram a surgir diante de todo esse processo vivenciado pela turma:

- Tem brinquedo de menina e de menino?
- Tem ovo de páscoa de menina e de menino?
- No país da Malala as meninas não podem escolher o que querem. No Brasil é assim?

Fizemos um diálogo sobre brinquedos e chegamos a seguinte conclusão:

- Não existe brinquedo de menino ou menina, a gente pode escolher o que quer (M. G)
- Nem roupa de menina ou de menino porque eu odeio saia e não acho que sou um menino só porque não uso saia (M. C.)
- No teatro as pessoas colocam várias roupas, tem homens usando batom e eles não são mulheres por causa disso (P. C)
- Na televisão também é assim as pessoas usam maquiagem (G. D.)

- Cada um escolhe o que quer fazer e a gente respeita porque gosta das pessoas (C.O)
- Por que no país da Malala as meninas não podem escolher o que querem? (A.D)
- Porque lá os homens mandam (G.P)
- INJUSTIÇA, INJUSTIÇA, INJUSTIÇA (coro de todos)

Uma criança trouxe para a roda uma lição de casa contando a história da Frida Kahlo. Falamos bastante sobre a vida dela e relemos o livro “Histórias de ninar garotas rebeldes”. Nele descobrimos outras mulheres que mudaram a história com seu jeito e atitude.

Falamos de profissões e como as mulheres não são vistas em algumas delas. As crianças fizeram um levantamento de várias profissões e levaram para as famílias responderem em qual delas imaginavam uma mulher atuando. Poucas famílias pensaram em mulheres Policiais, Djs, Bombeiras e Pilotas de avião. Com esses dados, fizemos buscas de mulheres que mudaram a história pelas suas profissões/ atitudes e a turma se dividiu em grupos, de acordo com interesses comuns, e decidiram pesquisar a história da Malala, Simone Biles, Coco Chanel, Frida Kahlo, Pamela Mel e Leticia Bufoni.

A roda é feita diariamente na nossa escola para decidirmos questões ligada ao grupo e ao projeto. Em um desses diálogos, optamos por criar mamulengos das mulheres que estávamos estudando e colocá-las em exposição num museu que construiríamos dentro da nossa sala de aula. Os processos criativos envolveram pesquisa em livros, experimentações e vivência corporais com jogos teatrais, criação de cenário, estudo de narrativas orais para explicar cada uma das mulheres escolhida pelos grupos e muito trabalho coletivo de cooperação e envolvimento no processo.

Esse estudo reverberou muitas coisas positivas nas famílias e uma mãe, que é artista do Lume, teatro localizado em Barão Geraldo, indicou o espetáculo de Sebastian Marques, que é um mestre mamulengueiro pesquisador de cultura popular na cidade de Campinas. Ele levou até a escola suas histórias orais com os seus personagens.



Imagem 20 - Conversa com o mestre Sebastian Marques após a apresentação do espetáculo na escola.

Fonte: Acervo pessoal da professora.



Imagem 21 - Experimentando manipular e criar diálogos com os mamulengos do mestre Sebastian Marques

Fonte: Acervo pessoal da professora.

Para Benjamin (1994)

As narrativas possuem a potencialidade de fazer viajar o ouvinte através da viagem narrada. Como fontes para construção do conhecimento histórico, seu potencial é inesgotável, pois também, incorporam as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. (p.98)

Através das narrativas trazidas pelo Sebastian, as crianças problematizaram diferentes questionamentos após assistirem ao espetáculo, e trouxeram para o trabalho em sala de aula processos criativos pautados em rimas, músicas, vestimentas e cenário. Todas as narrativas trazidas pelo Sebastian favoreceram o processo criativo na construção do museu do mamulengo, com as mulheres que mudaram a história.



Imagem 22 - (Da esquerda para a direita)
Mamulengos: Letícia Bufoni, Simone Bile e Frida Kahlo Técnicas- Pintura na madeira e costura com ponto corrido.

Fonte: Acervo pessoal da professora



Imagem 23- Mamulengo da Malala. Técnicas- Pintura na madeira e costura com ponto corrido.

Fonte: Acervo pessoal da professora



Imagem 24 - Mamulengo da Frida kahlo. Técnicas- Pintura na madeira e costura com ponto corrido.

Fonte: Acervo pessoal da professora



Imagem 25 - Mamulengo da Letícia Bufoni. Técnicas- Pintura na madeira e costura com ponto corrido.

Fonte: Acervo pessoal da professora



Imagem 26 - Mamulengos produzidos no ateliê da Natasha Faria. Técnica: Pintura no papel machê.

Fonte: Acervo pessoal da professora

Segundo Santos:

“Como em tantas outras manifestações artísticas da cultura popular, o Mamulengo revela de modo singular a rica expressividade do dia-a-dia do povo de uma região. Através dos bonecos, o povo se identifica com as suas alegrias e tristezas, com seus temores e capacidades de fé, com seus tipos matreiros e seus elementos repressores, com o esmagamento de seus direitos e sua ânsia de liberdade” (p.21)

ELX/Socorro chegou à sala de segundo ano e possibilitou que as crianças dialogassem sobre seus anseios, medos, desejos e alegria, pois a curiosidade pela vestimentas do boneco, trouxeram à tona sentimentos e diálogos diversos dentro do grupo, levando –nos a descobrir caminhos de investigações pautados na escuta coletiva e no respeito pelo que vem do outro A representatividade posta por Santos esteve presente nos processos criativos das crianças, que com as vivências tidas pelas pesquisas e com os artistas da nossa região, emprestaram suas vozes aos bonecos para explicitar, através do museu, todo o processo criativo que está por trás de uma obra artística.

5 – Considerações finais:

Esta história, construída coletivamente envolvendo o mamulengo, permanece viva dentro de mim. Ao revisitar as imagens e vídeos, pude me rever como professora e avaliar as marcas que ficarão como aprendizado permanente para a minha ação dentro da sala de aula. Os diálogos que foram estabelecidos na roda, com a roupa do mamulengo, me trazem a certeza da importância da flexibilidade nos processos criativos, da escuta sincera e verdadeira. Os questionamentos relacionados à questão de gênero me colocaram na busca por um assunto que ainda estava muito distante da minha realidade, como professora, e me fizeram descobrir maneiras que, verdadeiramente, pudessem reverberar nas crianças diálogos que ampliaram o nosso olhar para o assunto.

As mulheres que mudaram a história, seja no mundo ou em pequenos grupos, valorizaram as escolhas das meninas na escola e trouxeram para os meninos, uma possibilidade de experimentar o novo.

Manoel de Barros explicita que: (2010)

“O quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas... Assim as pedrinhas do nosso quintal sempre são maiores que as outras pedrinhas do mundo. Justo pelo motivo da intimidade...”(P.67)

Transformamos a sala de aula no nosso quintal e cada pedacinho de descoberta foi maior que o mundo, são “Achadouros” individuais que permanecerão, de maneiras diferentes, em cada um de nós.

Referências bibliográficas:

- AZEVEDO, Ricardo: Armazém do Foclore. São Paulo. Ática, 2.000
- BARROS, Manoel de: Poesia Completa- São Paulo; Leya, 2010
- BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CASCUDO, Luis da Camara- Literatura oral no Brasil 2^o ed. São Paulo: Global, 2006
- FARIA, Natasha. Disponível em: <https://www.cidadeecultura.com/atelie-natasha-faria-em-campinas/>
- FLAVILLI, Helena- Histórias de ninar garotas rebeldes: Cem fábulas sobre mulheres extraordinárias; V e R, 2017
- MACHADO, Regina – O conto de tradição oral e a aprendizagem do professor. Disponível em: <http://www.botucatu.sp.gov.br/Eventos/2007/contHistorias/artigos/OcontoTradicaoOral.pdf>
- MARQUES, Sebastian – Disponível em: <https://sebastianmarques.wordpress.com/sebastian-marques>
- MINISTÉRIO DA CULTURA: <http://antigo.cultura.gov.br/web/guest/pontos-de-cultura1>
- MUSEU DO MAMULENGO: <https://www.olinda.pe.gov.br/museu-do-mamulengo-espaco-tirida-onde-o-ludico-e-a-magia-se-encontram/>
- PIORSKI, Gandhi- Brinquedos de Chão. Peirópolis- São Paulo, 2016
- SANTOS, Fernando Augusto Gonçalves- O teatro de bonecos popular no Brasil. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=mamulengo%3A+o+teatro+de+bonecos+popular+no+brasil-+fernando+augusto+gon%C3%A7alves+santos&btnG=
- WARSCHAUER- Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela. São Paulo: Paz e Terra, 2001